

# DA LITERATURA CLÁSSICA À HAGIOGRAFIA MEDIEVAL

---

*António Manuel Ribeiro Rebelo*

Num espaço tão limitado como o que me foi proposto, é um desafio expor matérias tão fascinantes como a da articulação da historiografia com a hagiografia, que balançam entre a crítica dos textos e o valor histórico, a escrita e a oralidade, o valor literário e o valor espiritual, ... e assim poderíamos continuar enumerando os pares dilemáticos de atributos que distinguem esses dois conceitos e exercem entre si forças de tensão que ora os atraem, ora os afastam um do outro, num fascínio que atravessa os séculos.

Foquemo-nos, por isso, essencialmente no fenómeno hagiográfico. A hagiografia visa primordialmente glorificar a Deus através da narração e enaltecimento da vida e obra do santo. A estes juntam-se outros objectivos, que podem ser morais, catequéticos, parenéticos, apologéticos, dogmáticos, eclesiásticos, pastorais, políticos... tanto numa perspectiva pessoal ou individual, como num enquadramento social ou colectivo.

O prefácio da antiga *Passio SS. Perpetuae et Felicitatis* explicita os fins da hagiografia:

- a) honrar a Deus (Deus honoretur);
- b) confortar o homem (homo confortetur);
- c) conciliar os uetera fidei exempla do Antigo e Novo Testamentos com os noua documenta do Cristianismo;
- d) servir de testemunho para os não-crentes (non credentibus in testimonium);
- e) ser um benefício para os crentes (credentibus in beneficium).

A hagiografia, enquanto género literário, provinha dos modelos clássicos da biografia (um conceito de criação recente), do panegírico, da *laudatio funebris* e da apologia. O autor sagrado, que era um homem culto e dominava na perfeição a arte retórica dos autores greco-latinos, não podia ignorar os importantes trabalhos, neste domínio, de referências como Xenofonte, Cornélio Nepos, Plutarco, Tácito, Suetónio, Diógenes Laércio, Libânio ou os *Scriptores Historiae Augustae*. Se a estes lhes interessava sobretudo evidenciar a excelência do carácter e dos valores morais dos grandes vultos da Grécia e de Roma, para instigar os seus leitores à imitação dos actos desses magnos paradigmas da cidadania greco-romana, o autor sagrado visava os mesmos objectivos, mas partia de valores completamente opostos, em nada relacionados com as preocupações deste mundo. A hagiografia é mais do que uma biografia: conserva o mesmo vigor parenético dos textos clássicos e reforça-o, porque valoriza interesses vitais e eternos que excedem largamente os da *res publica*. Como sublinha Grégoire (1987: 209), na evolução da biografia clássica para a hagiografia, a “literatura de propaganda torna-se literatura de edificação; a política, teologia; a deontologia evolui para a apologética”.

Por isso, a hagiografia radicava muitos dos recursos retórico-estilísticos e dos seus tópicos nos dos modelos clássicos da biografia, do panegírico, da *laudatio funebris* e da apologia. Todavia, nunca perdia de vista os textos sagrados. Com o avanço dos séculos, os hagiógrafos especializam-se gradualmente e cada vez mais nos textos bíblicos, onde vão beber inspiração, pelo que a sua produção reflecte a forte influência dos textos sagrados (GAIFFIER, 1970:154).

Mas a hagiografia é muito mais do que uma biografia, do que uma simples *Vita*. Por vezes, a biografia estabelece um vínculo de afinidades entre a literatura clássica profana, de natureza mais

---

REBELO, António Manuel Ribeiro. DA LITERATURA CLÁSSICA À HAGIOGRAFIA MEDIEVAL. *Hagiografia e História*. In: *Sacralidades Medievais* (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/texto-s-semanais>.

---

<https://sacralidadesmedievais.com/>



historiográfica, e a literatura cristã antiga e medieval, a ponto de, por ex., no final da Idade Média, se falar de “crônica biográfica”, mas também de “crônica hagiográfica”. Com efeito, as expressões deste género literário desdobram-se em muitas designações ao longo dos tempos, consoante os objectivos, os contextos, a expressão do culto, o enquadramento litúrgico... Remetem-nos para o género hagiográfico designações como: *Vitae, actus, gesta, libri de uiris illustribus, collationes* (i. e. vidas paralelas), *legenda, speculum, chronica, commentarii* de uita ou de rebus gestis, *passio* e até *elegia*.

O santo caracteriza-se por praticar as virtudes em grau heróico, mas que virtudes? Em primeiro lugar, as virtudes cardeais: *iustitia, prudentia, fortitudo* e *moderatio* (ou *temperantia*), todas elas já referidas por Cícero (*De Finibus* 5.23.67), o qual retoma apenas as quatro virtudes enunciadas por Platão (*Republica* 4.6). Santo Ambrósio recupera estas virtudes clássicas, emanadas da natureza e que ele qualifica de cardeais. As virtudes que a alma gera a partir da graça divina - e não a partir da natureza - são as teologais: a fé, a esperança e a caridade.

Às sete virtudes opõem-se sete pecados capitais (*uitia*), alguns dos quais com antecedentes na antiga filosofia estóica. Além de os autores sagrados perspectivarem a caracterização dos santos pela positiva, alternam este modelo com uma exaltação pela negativa, reafirmando os pecados capitais evitados pelos santos. Toda a virtude tem um vício correspondente e vice-versa. A prática de uma das virtudes constitui-se a face positiva, i.e., o remédio, para atacar um determinado pecado. Daí que o santo seja caracterizado, ora abraçando as virtudes, ora repelindo os *uitia*. Os chamados “catálogos de virtudes” do santo – um processo estilístico tão típico da literatura hagiográfica – eram organizados em função da prática em grau heróico dessas virtudes, tanto pela positiva, como pela negativa. Nesses famosos catálogos, além das virtudes e devoções, assume ainda igual importância o cumprimento do Decálogo, da prática das obras de misericórdia, do cumprimento dos preceitos estabelecidos pela Igreja, enfim, dos princípios definidos pela doutrina cristã e pelos Evangelhos. Não esqueçamos, por outro lado, que o catálogo de virtudes, já existia na literatura panegírica e foi daí que os hagiógrafos o importaram.

Nesse diálogo incessante entre a literatura clássica e medieval, por força da excelente formação literária e retórica dos primeiros hagiógrafos, impunha-se uma análise comparativa entre a riqueza literária do prólogo à Vida de S. Martinho de Tours, de Sulpício Severo, e o da Conjuração de Catilina, de Salústio, além de outras problemáticas, como, por exemplo, a nova concepção de herói. O heroísmo deixou de ser identificado com a *militia saeculie* passou a sê-lo com a *militia Christi*. A hagiografia tornou-se herdeira da antiga épica, então rebaptizada pela pragmática cristã. Ao preconizar o silêncio das armas e enaltecer os promotores da paz evangélica, a nova aretê, fomentada pelas virtudes cristãs, prevalece sobre a antiga gesta heróica, obtida pela glória das armas. O culto aos heróis greco-romanos dá lugar à veneração dos novos heróis, dignos imitadores do modelo supremo de virtudes, que é Cristo.

## Para saber mais

GAIFFIER, B. d. (1970). “Hagiographie et Historiographie. Quelques aspects du problème”. *La Storiografia altomedievale, Settimane di Studio del Centro Italiano di Studi sull’Alto Medioevo* 17. Spoleto, 139–166.

GRÉGOIRE, R. (1987). **Manuale di agiologia: introduzione alla letteratura agiografica**. Fabriano, Monastero San Silvestro Abate.

REBELO, A. (2004). “A estratégia política através da hagiografia”. In: **O Retrato e a Biografia como estratégia de teorização política**: Actas, Coimbra-Málaga, 131-158.

---

REBELO, António Manuel Ribeiro. DA LITERATURA CLÁSSICA À HAGIOGRAFIA MEDIEVAL. *Hagiografia e História*. In: *Sacralidades Medievais* (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/texto-s-semanais>.

---

<https://sacralidadesmedievais.com/>

